

AUTISMO E SEXUALIDADE: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PESSOAS AUTISTAS

Guilherme de Melo Rodrigues, Patrícia Pelegrina Rosseto, e-mail: gmelojau@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento que pode ser diagnosticado no começo do desenvolvimento infantil. De acordo com o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5, 2013), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é marcado pela falta de comunicação social com a presença de vários comportamentos repetitivos, insistência nos mesmos assuntos e objetos e interesses limitados. A presença desses déficits acaba prejudicando o desenvolvimento do indivíduo como um todo (LOPES *et al.*, 2018).

O diagnóstico de TEA deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, que investiga além das características mais básicas do autismo, sinais complementares como, a hipersensibilidade e a hipossensibilidade a estímulos sensoriais. Além disso, se faz presente também dificuldades relacionadas ao sono e a alimentação, rotinas rígidas, brincadeiras superficiais, dificuldade em manter contato visual e déficits motores (OTTONI, 2022).

Esses pontos acabam por mostrar um grande prejuízo na qualidade de vida do indivíduo, podendo impactar em aspectos sociais e profissionais. Um fator muito importante e curioso é que os indivíduos com TEA manifestam seus sintomas de maneiras diferentes entre si. Dessa maneira, foram criadas três classificações de acordo com a necessidade de cada pessoa. A primeira classificação é a que exige muito apoio substancial, a segunda exige apoio substancial e a terceira exige apoio (OTTONI; MAIA, 2019).

A sexualidade é um aspecto presente na vida de todos os seres humanos, desde o nascimento. Contudo, a capacidade de interação social e a comunicação são pontos importantes para a sexualidade de cada ser humano, uma vez que, os comportamentos sexuais não se fazem presente no repertório dos indivíduos, ou seja, tais comportamentos são aprendidos com o passar da vida (PORTELA, 2021)

É na adolescência que os primeiros aspectos da sexualidade do indivíduo são manifestados, isso ocorre por ser uma fase de grandes mudanças físicas, biológicas e psicológicas, é importante ressaltar que esses pontos são válidos tanto para pessoas dentro quanto fora do espectro autista (PORTELA, 2021).

Na adolescência, os indivíduos começam ter acesso constante sobre a sexualidade através de meios informais como a internet. São nesses momentos que o aprendizado sobre sexualidade começam a ser aprendidos porém, para os jovens neurotípicos, a aprendizagem é mais fácil visto que estes não possuem nenhum tipo de comprometimento social. Por outro ponto de vista, os jovens que se encontram dentro do aspecto autista por terem suas habilidades sociais comprometidas acabam tendo dificuldade nesse aprendizado e com isso, não conseguem realizar a interpretação de sinais considerados simples pela sociedade (PORTELA, 2021).

A educação sexual não se trata apenas da sexualidade em si mas também engloba de maneira geral como o indivíduo abrange diversas temáticas como: afetividade, sexualidade, erotismo. Dessa maneira, é possível perceber que a educação sexual se faz presente tanto nas relações familiares quanto nas relações extrafamiliares (NASCIMENTO, 2021).

A família se mostra como a responsável pela questão da educação familiar das crianças pois, é na infância que temos os primeiros mecanismos de como nossa vida social, sexual e moral pode acabar se tornando (NASCIMENTO, 2021).

A família passa a ter um olhar sobre a sexualidade dos filhos autistas a partir do momento que entram na puberdade pois, dessa maneira, as famílias percebem as mudanças físicas, emocionais e psíquicas que a puberdade oferece contudo, as famílias ainda não sabem como orientar seus filhos sobre as manifestações afetivas/sexuais (NASCIMENTO; BRUNS, 2019).

Muitos jovens relatam que seus pais acabam infantilizando muito seus interesses e também, em outros momentos, não enxergam suas demandas. Do ponto de vista social, alguns jovens autistas relatam que a educação sexual para autistas não é realizada devido

a falta de investimento em formas de comunicação aumentativa e alternativa desde a infância. (BRILHANTE *et al*, 2020)

O termo “anjo azul” que é usado para caracterizar pessoas autistas acaba fazendo com que haja uma infantilização desse público, fortalecendo o discurso da “ inocência infantil” e da negação da sexualidade por parte dessas pessoas (BRILHANTE *et al*, 2020).

Dessa maneira, a educação sexual realizada pelas famílias, justamente por ter uma cultura de silêncio sobre o assunto e também a dificuldade de orientação, as famílias acabam passando para a escola e para outros meios de comunicação a responsabilidade de realizar essa tarefa (NASCIMENTO; BRUNS, 2019).

Um destaque para a questão da educação sexual para as pessoas dentro do espectro autista é a ineficiência da educação sexual escolar. O foco do ensino acaba sendo algo muito mais voltado para a questão biológica, com muito uso de abstrações e pouca importância para os aspectos comportamentais, dessa maneira prejudicando o entendimento da matéria para essas pessoas (LOPES *et al.*, 2018).

Sendo assim, é visto como é importante o ensino sobre educação sexual para esse público. Contudo, não existem programas ou projetos que promovam o aprendizado de maneira formal, o que acaba reforçando o aprendizado informal por parte desse público. A educação sexual se demonstra muito importante para esse público pois, evita que comportamentos inadequados e inaceitáveis pela sociedade sejam aprendidos (PORTELA, 2021).

O objetivo, de uma maneira geral, é entender como se dá a educação sexual para pessoas dentro do TEA e quais estratégias são utilizadas para o aprendizado dessas pessoas e como a utilização dessas estratégias impactam no desenvolvimento sexual das pessoas atípicas.

2 MÉTODO

Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa, que visa entender a importância da realização da educação sexual para pessoas autistas. A pesquisa se desenvolveu a partir de artigos científicos já publicados nas plataformas de pesquisa (GIL, 2002), *Scientific*

Electronic Library Online (SciELO Brazil) e Google Acadêmico. A busca ocorreu entre os meses de fevereiro e junho de 2023, a partir da intersecção das palavras-chave: “educação sexual”, “autismo”, “sexualidade”, “TEA” e “ transtorno do espectro autista”

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino da educação sexual se mostra importante também para o desenvolvimento de habilidades sociais que irão auxiliar na construção da sexualidade dos jovens autistas. Sendo assim, é importante utilizar de estratégias que busquem a generalização de comportamentos aprendidos pelo indivíduo e assim, incentivar que os indivíduos tomem atitudes que sejam responsáveis, autônomas e preventivas, levando em conta a particularidade de cada pessoa, sendo assim mais inclusivo (PORTELA, 2021).

É ressaltado que a educação sexual é deficitária para todas as pessoas, e que o estabelecimento de relacionamentos amorosos e sexuais são desafiadores tanto para pessoas autistas quanto para pessoas neurotípicas. Contudo, pessoas neurotípicas possuem recursos para driblar a ineficácia do aprendizado de outras maneiras como: contato social (observação ou imitação de situações coletivas), o que não acontece com o público autista, a não ser que sejam ensinados a realizar esse tipo de ação (OTTONI et al, 2021).

Segundo Ottoni e Maia (2019) e Portela (2021), os principais pontos para serem trabalhados na educação sexual para autistas são: adaptação a regras sociais, comunicação assertiva e interativa; aceitação das negativas alheias; pontos de vistas diferentes e não compatíveis, desenvolvimento de hábitos de higiene e contracepção, respeito a pontos de vistas diferentes ou desejos sexuais não compatíveis, leitura de sinais sociais e abertura para vivências neuroatípicas da sexualidade.

De acordo com Portela (2021), as principais estratégias para se chegar numa educação sexual que atenda as demandas necessárias são: dramatizações, empoderamento das pessoas autistas, histórias sociais, trabalhar a habilidade da empatia, intervenção de ensino sexual com uma linguagem clara, objetiva e direta para questões

comportamentais e para questões de higiene e contracepção, utilizar instrumentos de borracha para tornar o ensino mais prático e menos abstrato.

Um material utilizado é o “Guia de sobrevivência para Portadores de Síndrome de Asperger”. O autor cita sobre regras não escritas que todo mundo conhece, menos os autistas. Dessa maneira, o livro aborda sobre questões como: sexualidade, linguagem corporal, amizades, entrevistas de emprego, humor e conflitos e diversos outros tópicos (PORTELA, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise dos artigos selecionados, foi possível chegar à conclusão de que a educação sexual para pessoas autistas ainda é um tópico pouco discutido e que as estratégias utilizadas para realizar o ensino, são estratégias utilizadas em outros contextos, ou seja, ainda não existem recursos específicos para realizar um ensino mais direto para área da sexualidade de pessoas autistas.

A pesquisa acabou mostrando inúmeros fatores que demonstram a importância de uma educação sexual bem realizada ao público autista. Baseado nas pesquisas realizadas, a educação sexual para esse público também seria de extrema importância tanto para as famílias e o contexto social que esses indivíduos fazem parte, como para as escolas frequentadas por essas pessoas.

É destacado que tanto a escola quanto as famílias busquem validar as questões apresentadas pelos jovens autistas em relação as suas demandas e, não agir de maneira com que autistas sejam pessoas assexuadas e nem buscar uma infantilização dessas pessoas.

REFERÊNCIAS

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo, Atlas, 2002.

LOPES, S. V. M. U. et al. Transtorno do Espectro Autista e Sexualidade. **CIAIQ2018**, v. 2, 6 jul. 2018.

NASCIMENTO, T. R. C. (2021). **A família e a Educação Sexual de filhos(as) com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, Brasil.

NASCIMENTO, T. R. de C.; BRUNS, M. A. de T. A família e a sexualidade de filhos/as autistas: o que a literatura científica nacional oferece? **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**, v.30(1),p.(8-13), 06, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v30i1.70>. Acesso em: 24 jun. 2023.

OTTONI, A. C. V. **Sexualidade, Autismo e Vida Adulta**: contribuições para educação sexual. 2022. 186f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru, 2022.

PORTELA, M de A. **Educação sexual de jovens autistas**: vivências acerca da sexualidade e educação sexual. São Luís: Centro Universitário UNDB, 2021.

VIEIRA OTTONI, A. C., BORTOLOZZI, A. C. VILAÇA, M. T., & Marques de Castro Leão, A. (2021). Estratégias para a educação sexual de adultos com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**, v.32(1),p.(78-85),06,2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v32i1.966>. Acesso em: 12 maio. 2023.